



O estoico e a morte

The Stoic and the Death

Aurora Cardoso de Quadros

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros,
Minas Gerais / Brasil

auroracardoso2010@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0511-2090>

Resumo: Na obra *A educação do estoico*, de Fernando Pessoa (2001), observa-se no personagem suicida a desolação pelo malogro. O relato promove um efeito de espelhamento entre criador e criatura que, de certa forma, configuram uma estética que recusa a vida e vislumbra a morte. Toma-se a acepção de Eduardo Lourenço (1981), segundo a qual a morte nega a natureza fantástica da realidade e equilibra-se no ponto em que se revogam a verdade e a fantasia. O barão de Teive demonstra a impotência da não realização relacionada à obra inacabada e à vida amorosa, que também não se realizou, e anuncia o próprio extermínio como solução. A desesperança também se percebe implicitamente na crítica à sociedade em que vive. A par da ideia de Jorge de Sena (1974) quando afirma que Fernando Pessoa corteja a morte durante muitos anos, este estudo avança na investigação de possibilidades externas subjacentes à representação da morte na obra do barão de Teive. O percurso de leitura e análise tenta identificar elos entre esta produção escrita, associando-a a outras obras e à vida do poeta, pressupondo que a estética da morte reflete sombras de um estado psíquico de tristeza e desterro. Os malogros históricos são dispositivos especulares potenciais de motivação da configuração desse personagem, que se exprime na vacuidade e na extinção do ser. A desintegração do elemento vital, que integra a palavra ao horizonte poético, parece ser o instrumento de

expressão do degrado. O espelhamento do Barão de Teive se reconstrói na esteira de Richard Zenith (2001), uma vez que este o define como o personagem mais representativo do poeta e intelectual Fernando Pessoa.

Palavras-chave: Fernando Pessoa; *A educação do estoico*; morte.

Abstract: In Fernando Pessoa's *A Educação do Estoico* (2001), in the suicidal character, desolation by failure is observed. The story promotes a mirroring effect between creator and creature, which in a certain way configure an aesthetic that refuses life and envisions death. Takes the sense of Eduardo Lourenço (1981), in which death denies the fantastic nature of reality and balances itself in the point where the truth and the fantasy are revoked. The Baron of Teive demonstrates the impotence of non-fulfillment related to the unfinished work and the love life, which also did not take place, and announces the extermination itself as a solution. Hopelessness is also perceived implicitly in criticizing the society in which it lives. Along with Jorge de Sena's idea (1974) when he states that Fernando Pessoa courts death for many years, this study moves forward in the investigation of external possibilities underlying the representation of death in the work of Baron de Teive. The path of reading and analysis tries to identify links between this written production, associating it with other works, and with the life of the poet, assuming that the aesthetics of death reflects shadows of a psychic state of sadness and exile. Historical failures are potential specular devices that motivate the configuration of this character, which is expressed in emptiness and the extinction of being. The disintegration of the vital element, which integrates the word into the poetic horizon, seems to be the instrument of expression of exile. The mirroring of Barão de Teive is reconstructed in the wake of Richard Zenith (2001), who considers him the most representative character of the poet and intellectual Fernando Pessoa.

Keywords: Fernando Pessoa; *A Educação do Estoico*; death.

1 Considerações iniciais: *A educação do estoico*

Uma leitura um pouco mais abrangente da obra do poeta Fernando Pessoa propicia a sensação de uma construção ao avesso, que vai desconstruindo a própria arquitetura pelo desvanecimento, análogo à

força do abismo axial da morte, em que a expressão poética se aprofunda cada vez mais. Nesse processo movimentam-se ficção e realidade num jogo de espelhos que dá pistas na mesma proporção em que lança dúvidas sobre possibilidades, limites e sentidos. Sendo elucubrações existenciais, as questões em torno da representação da morte movem-se em variados espaços e de diversas formas e nuances, mas não deixam de traçar uma perceptível progressão no grau da sua intensidade. Nesse crescendo, entende-se a ordem cronológica expressa em sua obra, onde constam datas. O ano da morte do poeta, 1935, é o ano que data a obra *A Educação do Estoico* (PESSOA, 2001). Esta se torna, portanto, mais uma peça dessa organicidade abissal que culmina no suicídio desse seu último heterônimo. O suicídio do Barão de Teive conseqüentemente instala-se como misteriosa metáfora no infinito universo da sua cosmovisão, insinuando ligações externas entre vida e arte, criação e criador. A análise da simbiose social e artística, trazendo à tona um processo criativo em que se encontra não apenas o produto estético, mas inclui também o criador, associa a morte ficcional à impressão do estado psíquico de quem a escreve. Essa condição está representada em cartas, em verso e em prosa.

Mas é no barão de Teive que o estado de insatisfação encontra no suicídio a saída. Antes de se matar, justifica nos seguintes termos: “Se o vencido é o que morre e o vencedor quem mata, com isto, confessando-me vencido, me instituo vencedor.” (PESSOA, 2001, p. 58). Os registros que compõem *A Educação do Estoico* teriam sido “encontrados em uma gaveta de um hotel” (PESSOA, 2001, p. 14), conforme se lê em página introdutória do original manuscrito deixado pelo seu autor. Os papéis deixados seriam apenas parte do que o suicida escreveu, uma vez que ele diz ter queimado a maioria dos papéis. A obra, não acabada e fragmentada, apresenta um personagem que sente ao extremo essa incompletude, além de confessar fracassos como o fato de não ter se realizado do ponto de vista amoroso. Também manifesta o próprio potencial, a partir de que aponta para o perfeccionismo, resultando também na não aceitação de falhas e no vislumbre da perfeição. Até a qualidade intelectual recebe de Teive o peso da negação, uma vez que a mera racionalidade nega a vida: “Desde que existe inteligência, toda vida é impossível.” (PESSOA, 2001, p. 28).

Ao exprimir tal desacordo, revela que, além do perfeccionismo literário, Teive manifesta exemplarmente o perfeccionismo do caráter, que é apresentado numa paradoxal ocorrência. É que ele, ao apurar que o intelectual absoluto precisa ser um pouco imoral, não podendo haver

na mesma medida e no mesmo homem a íntegra capacidade intelectual e moral, amarga o problema de possuir, ele mesmo, essa trágica dualidade de manter ao mesmo tempo caráter superior e inteligência elevada, desabafando: “por meu mal, ela dá-se em mim. Assim, por ter duas virtudes, nunca pude fazer nada de mim. Não foi o excesso de uma qualidade, mas o excesso de duas que me matou para a vida.” (PESSOA, 2001, p. 20). Considera-se, por conseguinte, politicamente, esteticamente e intelectualmente distinto do português. Ao dizer, concluindo o mencionado a respeito do Barão de Teive, que, de certa forma, a inteligência é adversa à vida, reitera a possibilidade de associações, se tomada como parâmetro a crítica que o intelectual real faz ao português.

Numa visão que coteja criador e criatura, esses elementos tornam-se peças do jogo literário entre o sim e o não, o um e o outro, o personagem e a pessoa, criando o seu duplo peculiar. Ainda que em alguns pontos Teive seja uma forma de expressão do humor do poeta, no ato de trazer uma face avessa do fato ou do escancarar as ideias em seu entorno para se exorcizar, há dados coincidentes e interessantes de investigação dos seus enigmas, como o referido espelhamento entre criador e criatura. Eduardo Lourenço afirma que a tendência ao ocultismo “permite a Pessoa integrar positivamente o obstáculo des-realizante por excelência, a Morte, [...] como transparência suprema e supremo repouso.” (LOURENÇO, 1981, p. 177). A morte seria, então, naturalmente integrada ao real e ao mesmo tempo elemento para o qual é atribuído valor lenitivo, como é o caso do barão de Teive. Nesse sentido, sua recorrência inevitavelmente conduz ao fortalecimento de inferências associativas entre o real e o fantástico, entre a vida e a obra. Sendo fruto de um gênio como foi Fernando Pessoa, as coincidências e as alusões não estão isentas das ligações subjacentes possíveis, mesmo porque, se não se pode asseverar nada de modo inflexível em torno da sua escrita, também não se pode negar muita coisa pelo mesmo motivo.

Também no ponto de vista de Massaud Moisés, em *O espelho e a esfinge* (1998), o suicídio do Barão de Teive teria possível funcionamento libertador para o poeta. Ele diz que, “[p]or meio do Barão de Teive, Pessoa exorciza-se. A loucura e o suicídio, eixos polares de um e de outro, fizeram que o autor de *Mensagem* se libertasse do “medo”, do perigo, das obsessões que o estigmatizavam desde sempre?” (MOISÉS, 1998, p. 245).

Essa auto introjeção do criador pelo seu personagem também encontra uma consideração de convergência em Jorge de Sena (1974),

que possibilita uma reação imediata e lógica de ligação entre a morte de Teive e as motivações plausíveis do poeta Fernando Pessoa, levando às impressões sobre a construção estética de estados mentais dessa letífica natureza em que se pressentem elos com o indivíduo. Diz ele que “[a] morte, que ele cortejara tantos anos e que, com discreto alcoolismo britânico, acumulara em si mesmo, chegou talvez um pouco mais depressa do que ele a esperava, a 30 de novembro de 1935”, (SENA, 1974, p. 44). Com essa assertiva, reforça a coerência entre a obra e a abstração psicológica e espiritual atormentada do poeta. Endossa a percepção de que as palavras, que elidem a vida e representam o fim e o vazio, são as mesmas que descortinam e qualificam, para tão profusa criação, a tão curta existência. Contudo, presume-se que não se sentiu realizado e refletiu isso literariamente. É o argumento que se aplica à análise que tateia os significados e conexões em *A Educação do Estoico*. Nesse sentido, tornam-se pontos de interesse os aspectos que ligam o percurso, o pensamento e essa obra de Fernando Pessoa, buscando, em sua vertiginosa vivência, a matéria que projeta possíveis reflexos imateriais da morte na referida obra.

2 Significados e elos do barão

A Educação do Estoico encontra-se supostamente no final do trajeto que segue a escrita de Pessoa a cortejar, namorar a morte. E, mais que uma curiosidade da cosmovisão pessoana, explicada por Massaud Moisés (1994), e também mais que uma face da sua tendência para o ocultismo, explicado por Eduardo Lourenço (1981), a morte seria, conforme este estudo apresenta, um estado de vazio existencial, promotor do desejo de evasão da existência, do local onde reside e, certamente em alta dose, motivador do desejo de exprimir-se pela escrita. Mas esta também não o exprime em última instância plenamente. É o que acontece com Teive nessa ampliação sentimental ao admitir a não realização que extrapola o ser e abarca o mundo:

Quanto não baixaria eu perante mim, e, de justiça perante tudo e todos, se dissesse agora que a primavera é triste, que as flores sofrem, que os rios gemem tristezas, que na própria canção dos camponeses há angústia e ânsia, porquê? – Porque Álvaro Coelho Athayde, décimo quarto Barão de Teive descobriu com pena que não pode escrever os livros que quer! (PESSOA, 2001, p. 57)

Observa-se em trechos como esse um curioso impasse com relação ao estoicismo pressuposto já no título. E ainda que, para E. M. de Melo e Castro, a obra pode ser considerada “como um ensaio sobre a noção pessoana de Estoicismo” (MELO e CASTRO, 2011, p. 37), alguns trechos parecem indicar certa ironia do que se espera a partir do título. A desilusão literária é acrescida da fatalidade das perdas, do percurso malogrado, o desajustamento e o descaminho, possivelmente ligados à sua realidade, tateada na inexata medida da literatura e em incertos pontos, para perscrutar projeções nos “eus”. Impossível também não fazer a ligação entre os dois Alvaros, Teive (Álvaro Coelho de Athayde) e Álvaro de Campos nos quais o desengano leva à conclusão desse último: “Serei sempre só o que tinha qualidades;” (PESSOA, 2006, p. 271). Teive revela, como é o caso também de Bernardo Soares, que a prosa, tanto como o verso, pode criar efigies literárias complexas ligadas à extinção, e acaba lançando reflexos sobre o seu autor, devido às coincidências referenciais entre vida e arte. Em “Tabacaria”, os versos vislumbram o estágio posterior à ilusão terrena e a triste constatação do “eu” em Álvaro de Campos, associando a motivação quanto ao fracasso literário, que contribuiu com o empuxo do barão rumo ao suicídio: “Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,/ E a história não marcará, quem sabe? Nem um,/ Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras” (PESSOA, 2006, p. 271).

Este exemplo esboça a problemática da vida e um dos motes de representação da morte, envolvida em questões como no exemplo citado, do sentimento de fracasso pela não realização, entendendo que muito do que escreve reflete o sentimento schopenhaureano que pensa e vive. Para o entendimento dessa dinâmica, os acontecimentos e caminhos percorridos até o estado de degredo são trazidos para reflexão. Uma hipótese lançada é que um fator importante para a lancinante dor que inspira a representação do fim da vida e suas variações é a própria trajetória do poeta. O desajuste ao ritmo do mundo ilustra o estado do ser agônico:

Que tem a tristeza própria, que me abate, com a verdura universal das árvores, com a alegria natural desses rapazes e raparigas? Que tem o fim de inverno em que me afundo com a primavera que há no mundo, em virtude de leis naturais, cuja acção em mim me faz dar fim à minha vida? (PESSOA, 2001, p. 56)

Essa morte, enquanto correlata de extinção, exaustão, fim de toda e qualquer alegria, que o distingue dos demais indivíduos, possui em segundo plano a possibilidade de alguns motes pessoais implícitos, como afirma Richard Zenith, para quem o Barão de Teive “[m]ais ainda do que seus “colegas” heterônimos, revela o indivíduo que Pessoa “realmente” era.” (ZENITH, 2001, abas da obra. Aspas do autor). Teive seria um extremo que centralizaria as graduações em torno das quais giram os sentidos da extenuação, seja vislumbrada como fim da vida, seja associada metaforicamente ao dilema interior, deflagrando sensações a respeito do estado de espírito do próprio poeta, em que, com o passar do tempo, predomina cada vez mais a conotação conflituosa em torno da morte propriamente dita e do estado em que a ela é levado o personagem.

Analisando a condição de Teive e atrelando à vivência o vislumbre do esgotamento vital, destaca-se que Jorge de Sena (1974), ao tratar do flerte que Fernando Pessoa não apenas teve, mas manteve com a morte, aponta para um fenômeno essencial, que vai se impregnando cada vez mais na escrita pessoana. Seu espírito, que se aprofunda em uma aura sombria e evanescente, aponta para o fenômeno da vacuidade, da fatalidade e da extinção do ser, ligando a obra a um plano mais abstrato, mnemônico, perscrutado na própria pessoa do poeta. Ainda assim, a junção daquilo que é concreto com aquilo que é abstrato, misto de realidade e ficção, de vida e morte lançam-se hipóteses, sem se assegurar certezas, a não ser a fluidez e a sensação do teor volátil do ser, conforme explica Octavio Paz:

O mundo de Pessoa não é nem este mundo nem o outro. A palavra ausência poderia defini-lo, se por ausência se entende um estado fluido no qual a presença se desvanece e a ausência é anúncio de que? – momento em que o presente já não está e apenas desponta aquilo que será. (PAZ, 1988, p. 220).

Assim, o enigma do poeta é visto como dotado da propriedade inerente da esfinge, da sugestão que muitas vezes não se concretiza devido ao hermetismo. Para Eduardo Lourenço, essa é uma propriedade intrínseca da sua escrita: “[n]ão há em toda a poesia de Fernando Pessoa *nada mais afirmativo* que a pulsão ocultista.” (LOURENÇO, 1981, p. 176. Grifo do autor). Essa associação está presente no estudo de João Gaspar Simões (1981), que se arrisca a justificar, com a vida repleta de desenganos do poeta, a desilusão na sua obra. Simões registra que o

poeta perdeu cedo o pai e, logo mais tarde, perde também o status de “o menino de sua mãe”, pois essa se casa novamente e o leva para Durban, onde constitui nova família. O estudioso ilustra as trágicas decorrências dessas mudanças no cenário familiar, social e psíquico, no período de quase dez anos no domínio inglês da colônia do Natal, África do Sul. Em seu íntimo, o garoto teria sofrido terrivelmente com as mudanças, sobretudo nos laços maternos, além da solidão de não ter tido vínculos relevantes de amizades. Informa que nesse período o jovem dedica-se a suas leituras inglesas e vai “amadurecendo o gosto e formando a sua opinião literária” (SIMÕES, 1981, p. 86). E, ainda em Durban, muito importante é acrescentar-se a suas adversidades a tentativa sem êxito de disputar uma bolsa de estudos universitários na Inglaterra. Esse episódio é lembrado também por Alexandrino E. Severino (1969), segundo o qual, diante da tentativa fracassada de continuar sua formação inglesa, já concluída a etapa colegial em Durban, Fernando Pessoa tem que mudar compulsoriamente seu plano e, “ao invés de prosseguir seus estudos na Inglaterra, regressa a Portugal.” (SEVERINO, 1969, p. 60). Significativamente, em uma construção bastante sugestiva do desengano, Teive se expressa:

Atingi à saciedade do nada, à plenitude de coisa nenhuma. O que me levará ao suicídio é um impulso como o que leva a deitar cedo. Tenho um sono íntimo de todas as intenções. Nada pode já transformar a minha vida. Se... se... Sim, mas se é sempre uma coisa que não aconteceu; e, se não aconteceu, para que supor o que seria se ela fosse? (PESSOA, 2001, p. 17).

Não sendo possível fazer correspondências diretas, ainda resta essa possibilidade de associação no ponto de vista em que os ocorridos na vida do poeta tornam-se relevantes para fortalecer a ideia de amargura acumulada e intensificada no decorrer dos anos, quando passa a viver em Lisboa. Cumpre lembrar que sua escrita literária em Portugal, inicialmente, é em inglês, a exemplo dos *35 Sonnets* (1998) e outros poemas variados (PESSOA, 1995). No correr do tempo, a vida lisboeta confessadamente abúlica é cada vez mais introspectiva e sombria. Quanto a Teive, são várias as ocorrências de desolação e isolamento, revelando um intimista que vê o exterior com uma separação essencial de si. A alegria dos outros se lhe apresenta perceptível, mas como elemento alheio e inalcançável:

Da minha janela e até nesta hora em que só a morte me atrai, e para ela – quem nem “ela” é –, apressando-me, propendo, vejo os ranchos felizes dos campônios voltar, cantando quase religiosamente, no ar plácido da tarde. Reconheço que a vida deles é alegre. Reconheço-o à beira da cova que eu mesmo vou abrir, e reconheço-o com o orgulho de não o deixar de reconhecer. Que tem a tristeza própria, que me abate, com a verdura universal das árvores, com a alegria natural destes rapazes e raparigas?”. (PESSOA, 2001, p. 56).

Em Lisboa, o poeta escreveria diariamente “para não explodir, para não tornar-se louco” (PAZ, 1988, p. 203), ensimesmando-se, isolando-se. Ao que parece, não supera o dilema de não se reconhecer como português, fato pouco ventilado pelos teóricos, mas bastante provável pela sua crítica tenaz, além do estranhamento expresso em muitos poemas. Vários registros demonstram sua insatisfação com o Estado de Portugal e a diferenciação que faz entre si e o português em geral. Há asseverações intencionalmente claras como: “fui sempre fiel, por índole, e reforçado ainda por educação – *a minha educação é toda inglesa* –, aos princípios do liberalismo que são o respeito pela dignidade do Homem e pela liberdade do espírito” (PESSOA, 1979, p. 178. Grifo nosso). Com essa afirmação, ele tanto evidencia a afinidade com o liberalismo, atribuindo a este o respeito pelo ser humano, como destitui Portugal desta superioridade. Lembre-se que o contexto dessa fala é uma explicação que ele apresenta para um questionamento a respeito da obra *Mensagem*, único livro publicado em vida. Lembre-se também que *Mensagem* (2003), antes de ser a expressão de um nacionalismo ufanista, é uma obra de negação ao país e seus feitos, como na denúncia das perdas em “Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal!” (PESSOA, 2003, p. 48). Implicitamente, posiciona Portugal sob um ângulo da potência que teve todos os instrumentos para o progresso, pois ainda que tenha tido no passado “O globo mundo em sua mão” (PESSOA, 2003, p. 35), versos como “Ó Portugal, hoje és nevoeiro...” (PESSOA, 2003, p. 64) não negam o ponto de vista que emerge do olhar que lança sobre o país.

Delineia a consciência da sua distinção, ao subentender que o português, em comparação a ele, seria limitado ao contexto português. Sua superioridade, conforme dá a entender, funda-se na própria natureza e gênio, mas também favorecida pela formação inglesa. Essa fidelidade britânica é polarizada ao extremo na ideia de Octavio Paz, que define

Fernando Pessoa como “anglômano” (PAZ, 1988, p. 203), e a crítica ao país sugere um dos motes do sentimento de não pertencimento, representando poeticamente o aborto de um “eu” que faltou cumprir-se. Deixa implícita, de certa forma, uma possibilidade de intuir o terreno infértil e as decorrências. Constrói acerca desse fato, enfaticamente, a representação do país não realizado: “Senhor, falta cumprir-se Portugal!” (PESSOA, 2003, p. 39).

Ao dizer “Toda a minha vida tem sido uma batalha vencida no mapa.” (PESSOA, 2001, p. 36), o barão remete a castração de potencialidades anunciada em pontos variados. Por sua vez, sob o manto de Álvaro de Campos, diz o “eu”: “Fecharam-me todas as portas abstratas e/ necessárias” (PESSOA, 2006, p. 251). Nesse mesmo poema, os versos tonalizam nuances do “se” espelhado na poética da desilusão, do fado determinante do conflito. A morte, nesse centro da inexistência potencial, se figura pelo não ser do indivíduo e do objeto estético. Para conhecer, Pessoa precisa embrenhar, destruindo o objeto. Destruído, o objeto morto se abre ao conhecimento. Massaud Moisés explica:

Assim procede Fernando Pessoa, mas tal processo equivale a um jogo permanente entre ser e não-ser, que está na base da sua poesia: em razão do poder dissolvente da inteligência, nada se lhe resiste à sondagem, de forma que toda afirmação ou ideia feita é simplesmente destruída. Como se, para conhecer a intimidade do objeto, fosse necessário estilhaçá-lo (MOISÉS, 1994, p. 245).

O desterro em sua vida está sugestionado na expressão de um confuso estado de uma alma que não se reconhece e se perde. Concorda-se que “não será inútil recordar os fatos mais salientes da sua vida, com a condição de saber-se que se trata de rastros de uma sombra.” (PAZ, 1988, p. 202). Assim, inserem-se as perdas, os desvios das expectativas, os incidentes de percurso, o malogro das vontades, o desajuste intelectual e espacial. A não realização, tomadas suas palavras, afigura-se em desintegração ficcional, uma vez que ele se reafirma em sua ausência.

Acresce-se, na face histórica, um fenômeno que teria ocorrido a Fernando Pessoa diante da perda do amigo Mário de Sá-Carneiro, como se seu suicídio devesse ter tido tanta repercussão no âmago de Pessoa, que é considerado “simbolicamente, *a sua própria* morte, num processo oposto ao que, para a sua personalidade, havia sido o nascimento dos heterônimos em 1914.” (SENA, 1974, p. 44). Isso porque, nessa linha de pensamento,

a morte de Sá-Carneiro representaria a perda duplamente intelectual e humana, afeto recíproco e realmente observado em correspondências que trocaram, estando essas registradas por Simões na *Biografia*, obra já referida. O Barão de Teive dá fim à própria vida, acabando com a dor de existir:

Matar-me; vou agora matar-me. Mas quero deixar, ao menos, com a precisão com que puder fazê-la, uma memória intelectual da minha vida, um quadro interior do que fui. Desejo, já que não pude deixar de mim uma sucessão de belas mentiras, deixar o pouco de verdade que a mentira de tudo nos concede supor que podemos dizer. (PESSOA, 2001, p. 18).

Em geral, talvez na visão ocultista do poeta, assimilada nesse jogo de real e irreal, constate-se de fato que:

é a inesgotável irrealidade do real que a morte nega, introduzindo-nos em formas cada vez mais profundas de *existência* até àquele ponto em que a nossa ficção e a nossa realidade se anulam e nós descobrimos ou tocamos enfim a evidência da nossa condição *divina*.” (LOURENÇO, 1981, p. 177. Grifos do autor).

A vida do Álvaro de Athayde é figurada pela negação, como alguma coisa afim a um tipo de realidade em que ele imerge e de que decorre o abortamento como impedimento ao fluxo natural de uma vida potencialmente capaz “de ser”. Contudo, ele arrazo a motivação da escrita: “não para realizar a obra que eu nunca poderia realizar, mas ao menos para dizer com simplicidade porque a não realizei.” (PESSOA, 2001, p. 18). Lembra com isso também, conforme afirma Jacinto do Prado Coelho, que “[o] sentimento heraclítico da transitoriedade das coisas conduz à negação do eu” (COELHO, 1998, p. 101). Assim é, talvez, no suicida Barão de Teive que se encontra a mais inusitada, ao mesmo tempo esfíngica e clara, configuração da morte. Teive fracassa na tentativa de concretizar sua obra e realizar-se amorosamente:

Tive um dia a ocasião de casar, porventura de ser feliz, com uma rapariga muito simples, mas entre mim e ela ergueram-se-me na indecisão da alma catorze gerações de barões, a visão da vila sorridente do meu casamento, o sarcasmo dos amigos nunca íntimos, um vasto desconforto feito de mesquinhez, mas de tantas mesquinhez que me pesava como a comissão de um crime.

E assim eu, o homem de inteligência e de despreendimento, perdia a felicidade por causa dos vizinhos que desprezo. (PESSOA, 2001, p. 21).

Conforme Richard Zenith no posfácio da obra, os motivos do suicídio se completam porque, se a ele faltam as conquistas literárias e as amorosas, sobram “a nobreza ostensiva, de raça, que Pessoa tanto desejou para si” (ZENITH, 2001, p. 107) e o orgulho pela lucidez que possui. Ou seja, ao espelhar-se no heterônimo, segundo o posfácio, Pessoa estaria projetando a confirmação de uma estética com silhueta de si mesmo. Assim, “depositou nele sua orgulhosa razão, e matou-o com um sorriso que nada tinha de inocente” (ZENITH, 2001, p. 109). Essa questão da desilusão pelo insucesso nas tentativas faz com que o Barão de Teive tenha cumprido “o mais fiel possível o seu papel de não-cumpridor e de não-realizador” (ZENITH, 2001, p. 87). Os motivos do barão aproximam-se de várias outras configurações, como o poema “Apontamento”, em que a alma partida de Álvaro de Campos diz: “A minha obra? A minha alma principal? A minha vida? / Um caco.” (PESSOA, 2006, p. 304).

Voltando ao posfácio, o teórico explica a condição do barão, o “heterônimo terminal”, e suas obras inacabadas. Cotejando o Barão com seu inventor, ou seja, Fernando Pessoa, Zenith faz a correspondência respectiva. Porém, talvez essa leitura seja o esperado por Pessoa no seu jogo estético e no poder de mover as peças e induzir as jogadas inseguras dos participantes. Diz Pessoa em “Nota explicativa” à obra: “Transferi para Teive a especulação sobre a certeza que os loucos têm mais do que nós.” (PESSOA, 2001, p. 61), talvez numa lição irônica cuja intenção seja a de ultrapassar ou escarnecer o provincianismo.

Desse modo, entende-se que se possa afirmar serem inquestionáveis a validade estética da escrita e a implicação externa das sugestões assinadas pelo heterônimo Álvaro Coelho de Athayde. Fragmentária, sugere, reforçando tantas sensações advindas de fatos concretos e abstratos envolvidos no jogo, uma natural tendência de confirmação da cisão de espírito do seu autor, conforme diz Zenith no referido estudo, conforme Massaud Moisés, que intersecciona a morte fictícia de Teive e a morte real, esta com valor de livramento. E mais ainda: os escritos do barão propiciam elos infinitos (como num fio não linear – memória – que liga não contantes como em “Lisbon revisited (1926)” (PESSOA, 1986, p. 360), mas pistas de uma alma múltipla que se debate num estado díspar e misto de ebulição e abulia). Exemplificam o fato a antecedência

da escrita de Campos, a angústia de Bernardo Soares, o anglicismo de Alexander Search e outros, até de Campos; o *ser* (verbo) em simbiose com o *desejo* febril de *ter sido*, ou melhor, o desejo de ter realizado o gênio, como na saudação que Campos faz a Whitman (PESSOA, 1986, p. 336-41) e em muitas construções em que exprime a potencialidade lograda.

Isto tudo ainda é apenas como a ponta de um *iceberg*, sobre o qual não demais se pode afirmar, uma vez que há uma espécie de trocadilho essencial e uma unidade de substância irônica, incluindo até mesmo as cartas e a escrita crítica do poeta enquanto pensador. Assim, em se tratando de Fernando Pessoa, quase tudo se pondera entre ser e não ser. A polivalência prismática, no sentido do *drama em gente*, inclui até mesmo a morte, ainda que esta, pelo teor emblemático, seja mais que uma peça do jogo do “Sério do que não é.” (PESSOA, 1986, p. 165).

3 Considerações finais

A escrita da morte em *A Educação do Estoico* revela a capacidade que a literatura tem de exprimir a existência, sem obrigatoriedade de corresponder a ela. No caso do poeta português, a vida terrena, em sua ótica, propicia como única certeza a incerteza de tudo. A morte é a metáfora vislumbrada pelo eu perdido neste mundo. Sua representação traduz aspectos abstratos, mas que podem refletir projeções de aspetos da sua vida. Em muitos pontos, o leitor parece aproximar-se da verificação do ser humano na sua poética, quando emerge a sombra do indivíduo de carne e osso. Pressentindo a representação daqueles momentos em que tudo é nada, visão tão expressa por ele, paradoxalmente, emerge o duplo que, muitas vezes, torna-se infinitamente múltiplo. Por isso, as configurações da morte também se multiplicam. À morte é dado o relevo em forma de ponderar o viver, de suportar o final do trajeto, de escrever o vazio. O modo de entender o sujeito cindido entre a vida e a morte inclui sua identidade, dividido entre a sua alma e a realidade exterior.

Assim, percebe-se que a tristeza da perda e o vislumbre da morte não se centram apenas no campo das perdas na caminhada vital, mas, primeiramente na perda fatal do “eu”, que se busca no vazio, na avaria da linha biográfica, nos percalços da genialidade, na perda do que não alcançou, pois era o que havia atrás do muro, das portas fechadas, além da curva da estrada, no inatingível horizonte que se abriu já fechado, na perda da libertação racional, na perda da luz.

A ligação umbilical não se resolveria apenas numa entrega mortal de um fidalgo, mas se debate infinitamente em possibilidades. Em todo caso, se oferece ao seu fim na mesma dualidade inerente como vencido e vencedor. Sua palavra lança a pista que reconstrói a dor que deveras sentiu e que subjaz na dor fingida que ficou. Esta dor verdadeira é aqui buscada para se entender a outra, representada aos limites da morte. O que se constata é que Fernando Pessoa está cada vez mais vivo. Nesse reacender eterno da sua luz descobre-se o barão. E a cada vez que se buscam novos ângulos para entendê-lo, mais se o vivifica. Sua palavra, em seus labirintos nunca atingíveis integralmente, é perpetuada pela eterna busca de usufruir-se ao máximo do seu potencial, que já se inicia infinito. E, ao contrário do Barão de Teive que nasceu para morrer, Fernando Pessoa, ao partir, deixou as peças a serem montadas para que pudesse, então, recomeçar a viver.

Referências

- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 1998.
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando Pessoa revisitado*. Lisboa: Moraes Editores, 1981.
- MELO E CASTRO, E. M. de. *O paganismo em Fernando Pessoa*. São Paulo: Annablume, 2011.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: O espelho e a esfinge*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- PAZ, Octavio. *Fernando Pessoa: o desconhecido de si mesmo*. Lisboa: Vega, 1988.
- PESSOA, Fernando. O caso mental português. In: *O rosto e as máscaras*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1979.
- PESSOA, Fernando. *Poesias coligidas: Quadras ao gosto popular. Novas poesias inéditas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- PESSOA, Fernando. *Fernando Pessoa: Poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- PESSOA, Fernando. *Poesia inglesa*. Lisboa: Horizonte, 1995.

- PESSOA, Fernando. *Poesias oculistas*. São Paulo: Aquariana, 1996.
- PESSOA, Fernando. *35 Sonnets*. São Paulo: Arte Pau-Brasil, 1998.
- PESSOA, Fernando. *A educação do estóico*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001.
- PESSOA, Fernando. *Mensagem*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- PESSOA, Fernando. *Poesia de Álvaro de Campos*. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- PESSOA, Fernando. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2014.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- PESSOA, Fernando. *Poesias*. Porto Alegre: L&PM, 2017.
- PESSOA, Fernando. *Odes de Ricardo Reis*. Mem Martins: Europam, s/d.
- QUADROS, Antônio. Introdução à vida e à obra poética de Fernando Pessoa. 2. As raízes, a infância a primeira adolescência. In: *Odes de Ricardo Reis*. Mem Martins: Europam, s/d.
- SENA, Jorge de. O Heterônimo Fernando Pessoa e os poemas ingleses que publicou. In: PESSOA, Fernando. *Poemas ingleses*. Lisboa: Ática, 1974.
- SEVERINO, Alexandrino E. *Fernando Pessoa na África do Sul*. 1970. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Marília, 1970. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3335/3057>. Acesso em: 22 nov. 2017.
- SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Bertrand, 1981.
- ZENITH, Richard. Post-mortem. In: PESSOA, Fernando. *A educação do estoico*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2001, p. 85-110.

Data de recebimento: 28 de janeiro de 2021.

Data de aprovação: 03 de outubro de 2021.